

SOLIDÃO E COMPANHIA

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Silvana Paternostro, 2014

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021

Copyright © Carla Fortino

Título original: *Solitude & company: The life of Gabriel García Márquez Told with Help from His Friends, Family, Fans, Arguers, Fellow Pranksters, Drunks, and a Few Respectable Souls*

Todos os direitos reservados.

Preparação: Erika Nakahata

Revisão: Renata Mello

Diagramação: Vivian Oliveira

Capa: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil

Imagem de capa: Rodrigo Moya

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Paternostro, Silvana

Solidão e companhia: a vida de Gabriel García Márquez contada por amigos, familiares e personagens de *Cem anos de solidão* / Silvana Paternostro; tradução de Carla Fortino. – São Paulo: Planeta, 2021.
288 p: il.

ISBN 978-65-5535-274-0

Título original: *Solitude & company: The life of Gabriel García Márquez Told with Help from His Friends, Family, Fans, Arguers, Fellow Pranksters, Drunks, and a Few Respectable Souls*

1. García Márquez, Gabriel, 1927-2014 2. García Márquez, Gabriel, 1927-2014 – Amigos e companheiros I. Título II. Fortino, Carla

21-0048

CDD 863

Índices para catálogo sistemático:

1. Autores colombianos

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986 – 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

cem anos de solidão

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

O TERREMOTO DE 1967

GREGORY RABASSA: Aconteceu da maneira como os terremotos acontecem. Não podemos prever terremotos, ainda que saibamos que vão acontecer.

EMMANUEL CARBALLO: Um caso surpreendente na história da literatura de língua espanhola. É algo genético. Existem genes que predeterminam alguém a ser um grande escritor, mas ele trabalhou muito para isso. Ele não se dedicava gratuitamente à literatura, mas trabalhava duro. Era muito, muito disciplinado. Deixou todos os seus empregos, pediu dinheiro emprestado, vendeu coisas e se trancou em casa por oito meses para escrever. Sua família inteira, sua esposa, seus filhos, seus amigos, todos nós lhe demos espaço porque ele estava freneticamente dedicado a uma coisa. Viviam de maneira modesta em um pequeno apartamento, não havia luxos ali, gastavam apenas o necessário.

Todos concordaram que ele deveria ter paz, tempo e afeição. E, graças a isso — sobretudo à sua família e a seus amigos —, o romance foi escrito. Eu era a pessoa que lia o romance desde que ele começou a escrevê-lo até terminá-lo, e, porque eu estava lendo e comentando capítulo a capítulo toda semana, quando ele trazia o capítulo seguinte eu não tinha nada para corrigir, nada para substituir, porque todas as minhas sugestões já estavam no romance.

MARÍA LUISA ELÍO: Ele me dava trechos para ler. O que Gabo havia escrito à noite, ele lia para nós no dia seguinte... E desde aquele primeiro momento percebemos que era uma maravilha. E ele sabia disso.

GUILLERMO ANGULO: Não, ele não sabia. Na verdade, tinha dúvidas se seria um bom romance. Quando foi publicado, ele me enviou um exemplar. Eu li. E gostei muito. Ele me enviou outro exemplar. Não o tenho mais porque tive de passá-lo a Germán Vargas, e Germán Vargas teve de passá-lo a Plinio. E devo dizer algo que não acredito que alguém já tenha lhe dito ou que alguém lhe dirá: Plinio o repreendeu porque o livro era anticomunista. “O quê? O país está cheio de problemas e você escreve um conto de fadas?”

MARÍA LUISA ELÍO: Ninguém é tolo, e posso ser bem mordaz quando se trata de literatura. Quero dizer, o livro pode ser de um escritor bem famoso, mas, se eu não gostar, não gostei, e pronto. Li o livro e soube que esse Señor García Márquez era ótimo. Não duvidei disso nem por um segundo...

Achei o livro muito bom. Mas vou ser franca com você: *nesse nível*, não.

SANTIAGO MUTIS: Eles perderam o controle da situação. No exterior e também na Colômbia. Porque Gabo se tornou um evento, um fenômeno. Todos se ajoelharam diante dele. Não sei se Gabo conta isso ou Tomás Eloy Martínez. Uma semana depois de publicar o romance lá, Gabo viaja a Buenos Aires não por causa de *Cem anos de solidão*, mas para ser jurado de um prêmio literário. Uma noite eles vão ao teatro, e, quando Gabo entra, a peça é interrompida e eles o aplaudem. Foi onde começou. E isso não parou! Não parou. Nunca. Ou seja, nunca o deixaram sozinho.

RODRIGO MOYA: Em 29 de novembro de 1966, Gabriel García Márquez me visita em minha casa no Edifício Condesa, acompanhado de sua esposa, Mercedes, para que uma de minhas fotografias ilustrasse a primeira edição. Tirei as fotos em minha casa, que tinha bastante luz natural. Ele chegou usando uma jaqueta xadrez. Ele amava esses xadrezes. Parecia impassível, mas certamente estava consciente da câmera. Ele estava consciente de que criara uma obra-prima. Já havia escrito bastante, já tinha alcançado o sucesso e, durante todo o trabalho, era possível sentir a segurança que só os gênios têm. Tive essa impressão. Claro, não a dimensão toda ainda. Gabo tinha apenas 39 anos. Mas era um prenúncio do que estava por vir.

A.C.
antes de
cien años
de soledad

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



Foto do casamento de Gabriel Eligio e Luisa Santiaga.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

1

O FILHO DE LUISA SANTIAGA E GABRIEL ELIGIO

Como o filho do telegrafista de Aracataca começa a colecionar histórias desde cedo

RAFAEL ULLOA: Gabo não nasceu em 1928, mas em 1927. Ele diz que nasceu em 1928 para coincidir com o massacre nas plantações de banana,* mas foi o irmão dele que nasceu naquele ano.

LUIS ENRIQUE GARCÍA MÁRQUEZ: Até 1955, pensei que eu tinha vindo ao mundo em 8 de setembro de 1928, após os nove meses de gestação da minha mãe. Mas, no ano de 1955, Gabito publicou *O relato de um naufrago* no jornal *El Espectador* e teve dificuldades com o governo do general Rojas Pinilla. Precisou, então, deixar o país, e para isso necessitou de determinado documento. E esse documento, não sei por quê, dizia que

* Em 5 e 6 de dezembro de 1928, na cidade de Ciénaga, perto de Santa Marta (também próximo a Aracataca, onde nasceu García Márquez), o Exército colombiano metralhou um grupo de trabalhadores da norte-americana United Fruit Company que protestavam contra as más condições de trabalho. O fato ficou conhecido como o Massacre das Bananeiras, um marco tão importante na história de García Márquez que ele até mudou o ano de seu nascimento para coincidir com o ano do evento. Escreve sobre o massacre em *Cem anos de solidão*, alegando que o Exército matou três mil trabalhadores. Em uma reviravolta que parece apropriada para o “realismo mágico”, esse relato entrou para os anais da história colombiana.

Gabito nascera em 6 de março de 1928 — ou seja, no mesmo ano que eu, e isso me deixou em uma situação difícil: eu era o único bebê prematuro nascido de seis meses que, de acordo com o registro, pesava mais de 4,5 quilos ou, então, era quase seu irmão gêmeo. Ele nunca corrigiu a data, mas quem nasceu em 1928, em Aracataca, Magdalena, fui eu. Gabito nasceu em 6 de março de 1927.

RAMÓN ILLÁN BACCA: Luisa, a mãe de Gabo, era uma pessoa bem-vista. Era daquelas que chamamos de bem-vistas. E o que eram pessoas bem-vistas naquela época? Eram as valorizadas pelos membros da alta classe provinciana, uma vez que estamos falando das pessoas de classe alta de Santa Marta. Como diriam os bogotanos: “Vocês são gente decente da terra quente”. Luisa estudou no Colegio de la Presentación, em Santa Marta, a escola secundária da classe alta. Eles não passavam, porém, de bem-vistos. Ou seja, eram convidados para algumas festas, mas não para outras. Dependia da festa. O Señor García, o pai dele, acho que nem mesmo era bem-visto.

RAFAEL ULLOA: Gabriel Eligio García é o pai. E minha mãe é prima em primeiro grau do pai de García Márquez. Então minha mãe me contou um pouco sobre os problemas familiares. Sou um grande fã de García Márquez. Li todos os seus livros. Sou de Sincé, claro. É a cidade natal do pai desse cavalheiro. Sincé, com c. A cidade chamava-se San Luis de Sincé, mas para seus habitantes é apenas Sincé.

CARMELO MARTÍNEZ: Luisa Santiago, mãe de Gabito, era uma senhora branca, baixinha, com uma verruga bem aqui. Branca. Ela e minha mãe tinham a mesma idade. Minha mãe nasceu em 1904 e Luisa também. Ela tem uns 96 anos. Não sabe mais nada.

RAFAEL ULLOA: Carlos H. Pareja é de Sincé e é parente do pai de Gabito. E, bem, Carlos tinha boas conexões. Ele ajudou o pai de Gabo, que começou a estudar medicina, mas ficou sem dinheiro, e então, como estava em uma situação difícil, eles lhe disseram: “Deixe de brincadeira, faça alguma coisa. Arranje um emprego”. E assim foi nomeado telegrafista em Aracataca. Quando se mudou para lá, apaixonou-se por Luisa Santiago Márquez, filha do coronel Márquez. A mãe de Gabo era uma mulher muito tranquila, Luisa Santiago Márquez. Era muito amiga da minha mãe.

JAIME GARCÍA MÁRQUEZ: Dizem que Gabriel Eligio García, meu pai, chegou a Aracataca como telegrafista. Um dia viu Luisa, minha mãe, e gostou dela de imediato. Certa vez se aproximou e disse: “Depois de analisar cuidadosamente as mulheres que conheci em Aracataca, cheguei à conclusão de que a que mais me convém” — foi o que ele disse, me convém — “é você. Quero me casar com você, pense no assunto; mas, se decidir não se casar, me diga e não se preocupe, porque não estou morrendo de amores por você”. Acho que o que aconteceu foi que ele estava morrendo de medo de que ela recusasse o pedido e, para se proteger, fez aquela declaração ridícula. Penso isso porque somos todos iguais: muito carinhosos com nossas mulheres.

RAMÓN ILLÁN BACCA: Nem mesmo o coronel, pai de Luisa, queria Gabriel Eligio. Naquela época, ele pertencia a um estrato inferior dentro daquelas sociedades provincianas, e as pessoas davam muita importância a esses estratos sociais, porque eles estavam mais próximos uns dos outros que as classes.

LUIS ENRIQUE GARCÍA MÁRQUEZ: Desde o princípio, foi um casamento nômade. Eles se casaram em Santa Marta, foram a Riohacha para a lua de mel e lá se estabeleceram; voltaram para Aracataca quando Gabito estava para nascer, e, quando eu tinha 4 meses, fomos para Barranquilla; tudo isso em apenas dois anos e meio, entre junho de 1926, quando se casaram, e janeiro de 1929, quando nos mudamos para Barranquilla. Como você sabe, Gabito ficou em Aracataca com nossos avós.

CARMELO MARTÍNEZ: Ele foi criado pelos avós maternos, que não o chamavam de Gabrielito, mas de Gabito, e por isso ficou conhecido como Gabito. Eu o chamo de Gabito. Não de Gabo.

RAFAEL ULLOA: Além disso, o coronel Márquez era liberal e havia lutado na Guerra dos Mil Dias.* E esse cara [Gabriel Eligio], que era de

* Guerra dos Mil Dias é o nome dado a um conflito armado civil que durou cerca de mil dias, de 1899 a 1902. A Colômbia tinha dois partidos políticos: o Partido Conservador, ligado aos meios feudais dos tradicionais latifundiários e do clero, e o Partido Liberal, da emergente classe mercantilista, que acreditava nas ideias liberais e na separação do Estado e da Igreja. O conflito começou quando os liberais acusaram o Partido Conservador de eleições fraudulentas. Até muito recentemente, a divisão entre liberais e conservadores era tal que as pessoas não se casavam fora dos limites partidários. Todos sabiam se uma família era liberal ou conservadora. García Márquez cresceu em uma casa liberal. Seu avô Nicolás

Sincé, era um Godo [um conservador]. “Que não se meta comigo, não quero nada com aquele Godo filho da mãe. Mande a menina para outra cidade.” Então, como Gabriel Eligio era telegrafista, começou a enviar mensagens para Luisa pelos fios do telégrafo e, no final, eles se casaram, pois não tinham mais como se esconder.

PATRICIA CASTAÑO: Em 1926, quando esse Señor García chega a Aracataca como telegrafista e eles [os familiares de Luisa Santiago] começam a se opor a ele, decidem fazer essa viagem para que o cavaleiro a esqueça e eles possam apresentá-la à família que permaneceu em Barrancas e a seus amigos. Saem de Aracataca e descem em direção a Valledupar, circulando a Sierra. E passam por Valledupar e Patillal até chegarem a Barrancas. É a primeira vez que Tranquilina [a avó de Gabo] retorna à sua terra. Era muito longe. Parecia que era na esquina, mas era muito longe, e eles passaram dois ou três meses lá. Não havia sequer uma rodovia. Estamos falando de 1926 ou 1927. Viajaram de mula percorrendo caminhos de cavalo pela beira da Sierra e ficaram lá. Mantiveram contato por intermédio dos telegrafistas. Ouvi dizer que ela guardava os telegramas debaixo das fomalhas do fogão. Quem pensaria em procurá-los lá? Imagine que sob cada fomalha havia algo como uma placa de metal. E colocava as cartas debaixo delas. Luisa sabia que as mensagens iam de posto telegráfico a posto telegráfico, naquela época chamados de “marconi”. Sabia que no posto estava a mensagem dele, que chegava em papel amarelo.

Fomos para Barrancas com Gerald Martin, o biógrafo inglês, e vários irmãos de García Márquez. Eles nos levaram aos lugares onde havia piscinas naturais, para onde eram organizados passeios, e nas cartas dela há referência a uma excursão ao rio. Então, sim, aquela viagem foi maravilhosa, e a coisa mais impressionante é que ainda existem fomalhas. Há fomalhas em um canto nos fundos de algumas casas. Ainda se encontram pessoas que cozinham nessas fomalhas ou que as mantêm no chão.

AIDA GARCÍA MÁRQUEZ: A chegada de Gabito uniu a família, pois, quando meu pai veio de Riohacha para Aracataca, Gabito nasceu, e por

García lutou na guerra. García Márquez disse que todos os personagens liberais, incluindo Aureliano Buendía, o fundador de Macondo, foram inspirados em seu amado avô. Em *Ninguém escreve ao coronel*, o coronel é um veterano aposentado que aguarda a pensão do governo e presencia a assinatura do Tratado de Neerlândia, o tratado de paz que pôs fim à guerra.

esse motivo foi recebido calorosamente; e assim tudo se acertou, e, como meus avós foram seus padrinhos de batismo, eles também se tornaram compadres. Meu avô Nicolás começou a chamar meu pai de “meu compadre Gabriel Eligio”. E então o neto ficou morando na casa dos meus avós. Em seguida, Luis Enrique nasceu, e meus pais foram morar em Barranquilla, onde nasceu Margot, que estava sempre doente porque comia terra (assim como Rebeca em *Cem anos de solidão*). Minha avó foi a Barranquilla para uma visita e achou que Margot estava desnutrida, então pediu à minha mãe que a deixasse levá-la, que lhe daria ferro e cuidaria dela, e então Margot também foi morar com meus avós. Em Barranquilla, meu pai tinha uma farmácia bem-sucedida; minha mãe vivia num constante vaivém entre Aracataca e Barranquilla para visitar meus avós e ver Gabito e Margot.

CARMELO MARTÍNEZ: Gabriel García Martínez era moreno, moreno como um indígena, não como um negro. Um homem muito imaginativo. A imaginação de Gabito veio dele. Era um homem muito interessante. Imaginativo.

RAFAEL ULLOA: O pai dele também era meio médico. Na família sempre havia não apenas farmacêuticos, mas herboristas e algumas bruxas. Havia um homem em nossa família, do lado Paternina, que, segundo dizem, preparava certas pomadas e então... “Que pomada poderosa, funciona contra qualquer veneno.” Ele espalhava a pomada na mão e deixava uma cobra mordê-la. O animal, claro, não era venenoso, mas ele fazia sua pantomima na praça lotada. Morava perto de Sincé. Gabito utiliza isso em suas histórias.

CARMELO MARTÍNEZ: Além do mais, o pai dele era um conservador, como eu.

RAFAEL ULLOA: Pouquíssimas pessoas sabem que o pai dele não era bem um García, mas um Martínez. Eles deveriam ser Martínez, não García. O nome dele deveria ser Gabriel Martínez Márquez, e não Gabriel García Márquez. Você sabe que no passado, nas pequenas cidades, havia um problema. Muitas crianças nasciam fora do casamento, e o pai de Gabo nasceu fora do casamento, então assumiu o sobrenome da mãe, García. Argemira García era filha de um Señor García que chegara a Sincé com Lozana Paternina. E essa Lozana Paternina era irmã do meu

avô materno. Então conheci Gabito. Quando lhe deram o prêmio Nobel, a história veio à tona. Mas eles a abafaram porque... com isso não se brinca, ele é um grande escritor. Como agora se vai dizer por aí que ele é filho ilegítimo?

JAIME GARCÍA MÁRQUEZ: Além de ser telegrafista, uma profissão tão efêmera que às vezes me parece que nem foi real, que foi uma invenção de Gabito, meu pai era um homem versátil que recitava versos e tocava violino.

MARGARITA DE LA VEGA: Quando conheci o pai dele, ele era um daqueles homens que se sentavam — eles fazem isso bem menos agora, em Cartagena, com todo aquele turismo — na Plaza de Bolívar, ou seja, a praça que fica em frente ao Palácio da Inquisição e à prefeitura. Aquela onde agora todas as tardes há apresentações de danças folclóricas. Os locais sentavam-se ali e conversavam, especialmente no final da tarde, e coisas do tipo. Meu pai nunca ficava lá porque não tinha tempo, conversava em outro horário, porque era médico, mas seu consultório era próximo. E um tio meu, por exemplo, que era o inútil da família e não fazia nada, passava o tempo sentado ali.

Luis Carlos López, o Caolho, o grande poeta, sentava-se ali para contar histórias. Naquela época, esse era um hábito boêmio, as pessoas ficavam sentadas ali e às vezes bebiam rum. García, o pai de Márquez, adorava contar histórias e se sentava ali também.

Ele morou em vários lugares e fracassou diversas vezes. Teve muitas profissões. Foi telegrafista. Em outras palavras, ele é o personagem de *Amor nos tempos do cólera*. Aquele que chega à cidade e é o telegrafista e se apaixona pela mãe de Gabo, que naquele momento é filha do homem com a melhor reputação na cidade. Estamos falando agora de Aracataca, não de Cartagena. E de alguém que tenha sobrenomes distintos. Coronel Márquez. A Márquez Iguarán é uma família com certa tradição na cidade. O Iguarán vem da região de Guajira. O Márquez vem de Santa Marta e Fundación, e então ela é a garota mais bonita da cidade. E era mesmo muito bonita. Eu a conheci quando já era uma mulher idosa, mas ainda era possível ver como fora bonita. Ele era rústico. Mesmo sendo velho, podia-se ver que era rústico. Fez alguns cursos a distância em farmácia e atuou como farmacêutico. Então se tornou homeopata.

CARMELO MARTÍNEZ: Morreu aqui em Cartagena, comprando salários. Nunca pagam os professores em dia. Então outras pessoas compram os salários deles com desconto. E é assim que vivem.

JOSÉ ANTONIO PATERNOSTRO: Se a pessoa fosse ganhar cem, ele dizia: “Tudo bem, vou lhe dar oitenta. Aqui está, e diga à empresa para me pagar os cem, pois ficarei com a diferença”. Esse é o trato. É chamado de compra de salários. O comprador antecipa o salário da pessoa.

Era assim que faziam. No parque. Na praça da cidade. Os homens precisavam de dinheiro, então encontravam alguém que lhes dissesse: “Vou lhe dar, mas vamos para lá”. Em Cartagena, o local era a Plaza de Bolívar, em frente à prefeitura e ao Palácio da Inquisição. Então compravam o salário, iam ao escritório do governo e diziam: “Não pague para eles. Ele assinou isto, então pague para mim”. E era uma prática perfeitamente legal. Vou lhe dar um exemplo: Marco Fidel Suárez, então presidente da Colômbia. Suárez era um homem pobre, filho de uma lavadeira e, dizem, do general Obando. Foi eleito presidente e sua mãe ficou gravemente enferma. Não tinham lhe pagado o salário de presidente, e ele negociou seus vencimentos por dois ou três meses com um agiota que estava em Bogotá naquela época e lhe emprestou o dinheiro. E instruiu o então tesoureiro da Presidência da República a não pagar a ele próprio, mas fazê-lo de tal e tal maneira.

Suárez foi expulso da Presidência porque os políticos da época consideraram indigno o presidente vender seu salário.

CARMELO MARTÍNEZ: Isso existe desde que o mundo é mundo. Sem dúvida existe, querida.

RAMÓN ILLÁN BACCA: Atrevo-me a dizer que tudo a respeito de Bruxelas e García Márquez se baseia em oitivas, porque a família dele não era daquelas que iam a Bruxelas. Não tinha dinheiro nem terras. Em *Cem anos de solidão*, uma das Buendía vai para Bruxelas no final, certo? Era moda estudar em Bruxelas. Mas essa era a informação que ele ouvia, não vinha da família dele. As minhas tias moraram dez anos em Bruxelas e, antes daquela cidade, foram para Antuérpia.

Tranquilina às vezes pernoitava na casa das minhas tias, uma daquelas casas ancestrais onde havia comida para todos os que aparecessem. Mesas enormes. Preparadas para quando um compadre de Aracataca ou Guacamaya chegasse porque tinha uma fazenda ou um parente capataz,

ou algo do tipo. Uma vez que as pessoas chegavam no trem da manhã para passar a tarde trabalhando e só pegariam o trem no dia seguinte para retornar a Aracataca, não podiam voltar no mesmo dia. Então tinham de passar a noite em Santa Marta. E essa era a conexão deles com a casa das minhas tias. Quando García Márquez publicou *Cem anos de solidão*, minhas tias disseram: “Ay, quem diria que o neto da Tranquilina seria tão inteligente?”. Esse foi o comentário delas.

CRÍTICA

2

CRIADO PELOS AVÓS

Em que são explicados os primeiros oito anos na casa dos avós e o que acontece com ele depois que o avô coronel morre

MARGOT GARCÍA MÁRQUEZ: Em Aracataca, vivíamos com meu avô, minha avó e nossa tia Mama, cujo nome era Francisca Mejía, prima em primeiro grau do nosso avô Nicolás Ricardo Márquez Mejía. Ela nunca se casou e era uma pessoa de personalidade forte. Por exemplo, era ela quem guardava as chaves da igreja e as do cemitério. Um dia, vieram pedir as chaves do cemitério porque tinham de enterrar um morto. Tia Mama foi procurar as chaves, mas começou a fazer outra coisa e esqueceu-se delas. Cerca de duas horas depois ela se lembrou, e o morto teve de esperar até que ela aparecesse com as benditas chaves. Ninguém se atreveu a lhe dizer nada. Tia Mama era também quem assava as hóstias para a igreja, o que ela fazia na casa do meu avô. Lembro que Gabito e eu adorávamos comer as aparas das hóstias.

EDUARDO MÁRCELES DACONTE: Até os 8 anos, García Márquez morou em Aracataca. Bem, devo lhe dizer que a relação entre García Márquez e minha família é de longa data. O avô de García Márquez era um bom amigo do meu avô, Antonio Daconte. O coronel ia até a loja do meu avô, que ficava no que chamavam de As Quatro Esquinas, a parte

importante de Aracataca. Eles se sentavam em uma pequena sala que meu avô tinha ao lado da loja. Ele não realizava as vendas na loja. Esse avô dele era o coronel que esperava pela pensão que nunca chegou. Foi o coronel que participou da Guerra dos Mil Dias. Isso ocorreu no começo do século, e ele foi promovido a coronel. Ele visitava meu avô com frequência, e os dois tomavam café preto, trocavam ideias e conversavam sobre as coisas que estavam acontecendo no mundo, no país. Meu avô recebia pessoas regularmente. Três ou quatro garrafas térmicas, cheias de café preto, alguns copos, açúcar e tudo mais, e as pessoas chegavam para visitá-lo e sentavam-se nas cadeiras que ele tinha lá. E uma dessas pessoas era o avô de García Márquez. Às vezes, o avô de García Márquez trazia o neto para ver meu avô.

MARGOT GARCÍA MÁRQUEZ: Ah! Nosso avô era feliz com a gente. Dizem que ele riu muito com esta história sobre Gabito, que me contaram depois. Quando ele era bem pequeno, ficava sentado na porta da casa para ver passar os soldados que seguiam para as plantações de banana. Uma vez ele veio correndo, muito animado, e disse ao nosso avô: “Papa Lelo! Papa Lelo! Os ‘bpaños’ passaram” (ele quis dizer “soldados”, mas ainda não falava muito bem). “Ora, ora, meu filho, e o que disseram a você?”, meu avô perguntou. “Olá, pequeno Gabi.” Um mentiroso desde que nasceu.

IMPERIA DACONTE: Ele era adorável. Pequeno e bonito. Tínhamos mais ou menos a mesma idade. Era o único menino que vivia com o coronel. Nosso pátio era muito grande. Como a casa é enorme, a parte do pátio na outra rua era o pátio do García Márquez. Íamos à casa dele com frequência para pegar goiabas; ele tinha um pomar imenso. A avó dele, a velha Tranquilina, nos dava muitas frutas, goiabas e tudo mais.

MARGOT GARCÍA MÁRQUEZ: Até o nascimento de Gabito, meu avô Nicolás era um homem bastante sério e reservado, e minha mãe o tratava com muito respeito e até com certa distância. Mas quando o neto nasceu ele se derreteu, ele mudou. Sua seriedade foi para o espaço. Tornou-se amoroso e carinhoso, brincava conosco, ajoelhava-se no chão, agachava-se para que montássemos nele, como se fosse um burrinho. Seus amigos protestavam: “Como você pode fazer algo assim, Nicolás Márquez, olha como terminou!”. Nosso avô amava tanto Gabito que ele comemorava seu aniversário todos os meses. Uma festa todo mês para celebrá-lo. Convidava os amigos para brindar ao “mês de nascimento” de Gabito.

Ele nos trazia animais de presente; tínhamos papagaios, araras, trupiais, e havia até mesmo uma preguiça no pátio, o qual abrigava um pomar de árvores frutíferas. A preguiça vivia pendurada na jaqueira, que era tão alta quanto uma palmeira, e o animal subia até o topo e começava a derrubar as frutas, que eram como pinhas. Nossa avó as cozinhava e todos vinham comer. Tinham gosto de batata.

EDUARDO MÁRCELES DACONTE: Não esqueça que os pais dele tiveram doze filhos.

MARGOT GARCÍA MÁRQUEZ: Todos os dias nosso avô nos levava para visitar minha mãe. Eis o que fazíamos: à tarde, tia Mama trocava nossas roupas, nossos sapatos e nos arrumava. Lembro que nossa avó dizia: “Agora, Nicolasito, leve-os para que a mãe deles possa vê-los”. E nosso avô levava Gabito e eu, cada um de nós segurando uma de suas mãos, para dar uma voltinha (como nosso avô dizia), e, quando passávamos pela casa da minha mãe, ele parava por um momento, fazia um carinho em Luis Enrique e Aida, pegava Ligia e Gustavo no colo (a família continuava crescendo), conversava alguma coisa com meu pai e depois continuava a voltinha.

Lembro que Gabito e eu sempre chegávamos limpos e bonitos, recém-penteados (sempre usávamos sapatos e meias, eles nunca permitiram que andássemos descalços, para que não pisássemos em minhocas, fôssemos picados por bichos ou tivéssemos algo grudado nos pés), e achávamos nossos irmãos loucos, em especial Luis Enrique e Aida, além de travessos, desobedientes e briguentos, vagando pelas ruas o dia todo.

IMPERIA DACONTE: O coronel ia todas as noites visitar meu pai. Como ele tinha uma loja, havia uma grande movimentação naquele local. Eles colocavam uma bandeja com várias xícaras de café de preto. E todos os amigos do meu pai iam até lá à noite tomar café. Não sei do que falavam porque eu era pequena demais. García Márquez estava lá, muito pequeno, e nós também.

EDUARDO MÁRCELES DACONTE: Meu avô, Antonio Daconte, quando veio da Itália para Aracatata, devia ser muito bonito. Ele teve cinco esposas, imagine, e até se casou com duas irmãs. Quer dizer, casou-se com uma, depois se divorciou e se casou com a outra. É por isso que estou explicando essas coisas para você, para que veja de onde elas vêm, mesmo

aquelas que Gabo esqueceu, pois foram interessantes. Meu avô chegou e se casou primeiro com María Calle, e com ela teve cinco filhos. Então se divorciou de María Calle e se casou com Manuela, que é minha avó e era mais jovem. As duas irmãs nunca mais conversaram uma com a outra. Se uma visse a outra descendo a rua, logo atravessava. E nunca mais, até morrerem, se falaram... Com María ele teve cinco filhos. Galileu, Amadeo, Antonio, Pedro, Rafael. E com a minha avó, Manuela, teve quatro filhas.

As filhas eram Elena, Yolanda, María, Imperia. Imperia é minha mãe... Elena é Nena Daconte, o nome da personagem do conto "O rastro do teu sangue na neve". É irmã da minha mãe. Ela gostou da ideia de ele ter usado seu nome, mas não deu muita importância a isso.

MARGOT GARCÍA MÁRQUEZ: Bem... vou prosseguir com a história da voltinha, que continuava da casa da minha mãe até a esquina dos turcos, que era o lugar onde os políticos se encontravam, e ali meu avô passava mais algum tempo conversando. Gabito não se separava dele, estava sempre ouvindo o que falavam; enquanto isso, eu ficava olhando as vitrines das mercearias dos turcos. Havia quatro esquinas, e eu ia de uma a outra olhando as vitrines. Desde então, tenho esse hábito. Ainda hoje me fascina passear e olhar as vitrines das lojas.

EDUARDO MÁRCELES DACONTE: Naquela época, meu avô, como eu estava lhe dizendo, tinha uma casa muito grande e bonita na esquina, e ela era o ponto de encontro das pessoas em Aracataca. Meu avô também importou uma mesa de bilhar e o que eles chamavam de *buchácara*, ou piscina. A casa de madeira ainda está lá. Espero que nunca a derrubem. No pátio, onde exibiam filmes, eles agora organizam festas à fantasia, contratam uma orquestra e a alugam para bailes de Carnaval. Uma das colunas que Gabo escreveu no *El Espectador* foi dedicada ao meu avô. Nela, ele fala sobre um dia em que foi visitar meu avô e se dirigiu até o grande jarro de água e tentou ver, tirar a água e olhar onde estavam os duendes. Os jarros são feitos de argila e usados para manter a água fresca, e muitas vezes há neles algo como um filtro. Eles os deixam em todos os lugares. Os copos, o caneco para tirar a água e o jarro ficam numa base de madeira. O suporte. Ah! Eles vinham e vertiam a água. Lembro que na ocasião não havia aqueduto em Aracataca, o que tínhamos eram vendedores de água; eram eles que traziam água no lombo dos burros, pegavam na vala (não existia poluição naquela época) e tiravam a água diretamente do rio. Não tinha perigo algum. Mas então passou a haver

um aqueduto, porém por muito tempo lembro que se compravam duas ou três latas d'água. "Dê-me quatro latas d'água." As latas eram aquelas de banha nas quais prendiam no meio, com pregos, uma cruz de madeira. A história é que ele lembrou que, quando era bem menino, lhe disseram que pequenas pessoas viviam no fundo de todos os jarros d'água. Então ele tentaria tirá-las de lá. Colocaria o copo no fundo do jarro para tentar encontrar os duendes. O título me escapa no momento, mas ele escreveu uma coluna muito boa sobre o assunto. E lembro que o jarro do meu avô era realmente imenso, e todos os primos iam correndo pegar água. Uma água deliciosa e fresca. Uma água com gosto de algo que não sei dizer, que nunca mais senti; tinha gosto de musgo, de umidade, não sei. Pois existe água com gosto metálico...

MARGOT GARCÍA MÁRQUEZ: A voltinha terminava na hora de dormir, e íamos para casa direto para a cama. Então, aí, sim, minha avó, que estivera ocupada o dia todo com assuntos domésticos, me colocava na cama, me ensinava a rezar, cantava para mim e me contava histórias até eu adormecer.

EDUARDO MÁRCELES DACONTE: Não havia eletricidade em Aracataca. Eu era bem pequeno e lembro que as pessoas usavam velas e lamparinas com uma pequena coisa em cima. Eram lindas. As pessoas usavam muito essas lamparinas. Lembro que eu andava pela rua segurando uma. Naquela escuridão as pessoas se reuniam e não havia televisão. Sempre tinha alguém que contava para as crianças histórias de mistério, de terror e de medo. Lembro-me então de ficar em pânico na hora de dormir sozinho na minha cama depois das histórias que um tio contava, ou meu pai, minha mãe, um primo mais velho. Às vezes a gente ia para as fazendas e o capataz sempre tinha umas histórias para contar, aquelas histórias assustadoras. Eram muitas. Muitas. É por isso que digo que a memória de Gabo é importante, pois ele se recordou de diversas coisas que lhe disseram. Coisas de que muitas pessoas não se recordam. Ele tem memória de elefante.

IMPERIA DACONTE: Eles o mandaram para o colégio Montessori da [professora] Fergusson, pois moravam perto de lá.

EDUARDO MÁRCELES DACONTE: Ele teve uma professora excelente. Foram feitas muitas entrevistas naquela cidade porque Gabo disse

que aprendera muito com ela. Também acredito que Gabito viu seu primeiro filme graças ao meu avô. O único que tinha um cinema era meu avô. Ele dispunha do próprio gerador de eletricidade, uma coisa velha, que ficava lá fora, para que ninguém ouvisse o barulho. Mais tarde, instalaram um para toda a cidade.

IMPERIA DACONTE: O coronel era padrinho de María, minha irmã. E María dizia: “Papi, a casa do meu padrinho ficou triste depois que ele morreu”. “É assim que vai ficar”, dizia meu pai. Eu era muito pequena quando ele morreu. O coronel morreu primeiro. Sua esposa ficou porque tinha uma família grande.

EDUARDO MÁRCELES DACONTE: Gabito morou em Aracataca até os 8 anos de idade. Quando seu avô morreu, ele foi para Sucre, porque seu pai havia sido transferido para lá.

MARGOT GARCÍA MÁRQUEZ: Eu me lembro muito bem do funeral porque chorei aquele bendito dia inteiro, nada me consolava. Gabito não estava conosco porque tinha ido com meu pai e Luis Enrique a Sincé em outra das aventuras que meu pai empreendia. Gabito retornou a Aracataca vários meses após a morte de Papá Lelo, e talvez por isso eu não me lembre da reação dele; ele certamente deve ter sentido uma tristeza profunda, porque os dois se amavam muito, eram inseparáveis. Continuamos a viver um pouco mais com a minha avó, a tia Mama e a tia Pa, cujo nome era Elvira Carrillo, uma filha ilegítima do meu avô Nicolás, isto é, meia-irmã da minha mãe. A tia Pa era uma mulher muito boa, cuidou da minha avó com dedicação total até ela morrer, como se ela própria tivesse sido sua filha.

Moramos na casa da minha avó até que o dinheiro começou a acabar e ela teve que viver do que meu tio Juanito lhe enviava; então decidiram que Gabito e eu ficaríamos na casa de nosso pai, em Sucre. A família havia se mudado para lá.

MARGARITA DE LA VEGA: Pela primeira vez ele foi morar com os pais, que agora estavam numa situação financeira melhor. A essa altura, a irmã nascera, a que mais tarde se tornaria freira.

CARMELO MARTÍNEZ: Sucre era uma cidade muito importante, mas na década de 1940 as inundações causaram uma grande quantidade de estragos. Era uma cidade com sete ou oito mil habitantes. Para chegar a Sucre, é

preciso ir a Magangué. Em Magangué, pega-se um barco com motor de popa e segue-se para Sucre. Mas depende, num barco com dois motores de popa de 100 ou 150 cavalos de potência cada, pode-se chegar lá em 45 minutos.

Gabito morou em Sucre até ir para Barranquilla. Bem, ele estava estudando no colégio San José, em Barranquilla, com os jesuítas. Eu o conheci em Sucre por volta de 1940 (nós dois tínhamos 13 anos) porque sua casa — onde seu pai, o doutor García, morava — ficava na frente da minha.

JUANCHO JINETE: Quando menino, ele estudou aqui em Barranquilla, no colégio San José.

MARGOT GARCÍA MÁRQUEZ: Foi por isso que, quando enviaram Gabito para estudar no San José, em Barranquilla, eu me senti abandonada. Sempre fui muito próxima dele, ele era tão amoroso, parecíamos gêmeos. Ele terminou o ensino fundamental em Sucre e, quando tinha 11 ou 12 anos, apenas três meses depois que fomos morar na casa dos nossos pais, ele foi para Barranquilla, e eu fiquei sozinha. O choque foi tremendo. A calma e a ordem a que eu estava acostumada desapareceram, porém, o que eu mais sentia falta era do meu carinho por meus avós; eu não conseguia me aproximar da minha mãe porque ela não tinha tempo, com tantas crianças, e de meu pai menos ainda. Para mim, ele sempre pareceu distante, tanto que todos os meus irmãos o chamavam de *tú*; eu o chamava de *usted*.

CARMELO MARTÍNEZ: Ele sempre teve vocação para ser escritor porque no colégio San José, em Barranquilla, criou um pequeno jornal. Quero dizer que ele basicamente era escritor, um jornalista. Ele não falava de romances. Isso veio depois.

MARGOT GARCÍA MÁRQUEZ: Ele foi um ótimo aluno, ganhava prêmios, medalhas por excelência, o melhor do colégio. Naquela época, os prêmios que davam aos melhores alunos eram livretos de missa, porque, claro, era um colégio jesuíta; bem, Gabito me enviou o livreto que lhe deram, com uma dedicatória para mim; ele me enviava cartões ilustrados, medalhas, rosários, tudo que eles lhe davam ele enviava para mim. Eu também escrevia para ele em Barranquilla, para a casa do tio Eliécer García, o irmão de nossa avó Argemira (mãe do meu pai), onde ele estava morando. *Ay!* Quão feliz fiquei quando Gabito chegou em casa para as férias. Nós dois estávamos de novo próximos, eu tentava oferecer a ele o melhor, preparava as pequenas fatias de banana-da-terra frita de que ele tanto gostava.



García Márquez aos 13 anos.

QUIQUE SCOPELL: Eu o conheci com Ricardo González Ripoll, meu primo, porque eles saíram daqui para estudar em Zipaquirá. Subíamos o rio Magdalena de barco quando precisávamos ir a Bogotá.

Nós três viajamos de barco. Comecei a estudar em Bogotá, mas eu estava apaixonado e o amor era mais forte do que meus estudos, e desde então tenho sido um bebedor por toda a vida, foi quando comecei a beber rum. E, como punição, me enviaram para estudar nos Estados Unidos.

FERNANDO RESTREPO: Gabo diz que foi no Colegio Nacional de Zipaquirá que ele descobriu sua paixão pela literatura e pelo romance, estimulado por um professor. Certa vez, perguntei: “Ei, e como você chegou a Zipaquirá?”. Então ele respondeu que sua bolsa era para um colégio em Bogotá, só que não havia mais vagas, e por fim encontraram um lugar para ele no colégio em Zipaquirá, e assim foi parar lá. Eu não conhecia a escola, mas, quando fomos com ele, passamos por ali, e ele olhou para ela e apontou para onde estivera. É um colégio oficial que tinha um grande internato.

Era somente para homens. Ou seja, não era uma escola importante. Era desconhecida fora dos limites locais.

CARMELO MARTÍNEZ: Ele foi para Zipaquirá para terminar o ensino médio e depois entrou na faculdade de direito.

MARGARITA DE LA VEGA: Quando lhe concederam o Nobel, seu pai deu uma entrevista para o *Diario de la Costa* e mencionou todas as cidades

onde viveu, dizendo que Gabo não havia inventado nada. Que a história de Remédios, é claro, era da Señora Fulana de Tal, cuja filha ou neta havia fugido com algum sujeito... Ela disse que, na verdade, os lençóis a levaram embora quando estendia roupas, e que ela havia desaparecido. Divino. Guardei essa entrevista por um longo tempo. Naquela época, lembre-se, eram recortes de jornal. Na entrevista, ele disse que os padres em San José haviam dito que Gabo era esquizofrênico e que ele o curara com alguns glóbulos homeopáticos. Imagino que Gabo tinha uma imaginação incomum e que amadureceu muito rapidamente, porque crescera apenas com idosos. E isso acontece quando crianças crescem com idosos ou são muito próximas a eles. Ele era assim naquela época.

JAIME ABELLO BANFI: Gabo era um clarividente. É um clarividente, melhor dizendo. Naquela época ele era clarividente em termos da própria cultura. Ou seja, um homem do Caribe colombiano que em um de seus primeiros artigos já fala sobre os problemas da literatura colombiana. É um garoto de 20 anos e já está julgando o romance colombiano. Incrível.

Falava sobre a música *vallenato* quando ninguém prestava atenção no *vallenato*. Falava sobre mil coisas.

O fato é que, em primeiro lugar, ele é um gênio. Não se engane. Ele tem a inteligência de um gênio. É superperceptivo. E também tem a capacidade de se antecipar a acontecimentos. Com um sexto sentido. Então, é um gênio acima de qualquer suspeita. Em segundo lugar, ele lia bastante desde muito cedo, tanto que eles tinham medo de que perdesse a cabeça quando era jovem, porque lia demais. E, em terceiro lugar, seu contexto. Aquele contexto que é tão bem contado na memória de sua família, com todas aquelas viagens. Aquela família singular. Aquela condição de um tipo de classe intermediária. Alguém que teve acesso a muitas pessoas. Ou seja, em termos financeiros, eles eram pobres, mas com acesso a todos os tipos. Viagens por toda a região e as coisas com seu avô. Tudo isso é muito interessante. Tudo isso influenciou sua personalidade tão especial.

RAFAEL ULLOA: Sua mãe sempre disse que os romances dele eram cifrados e que ela tinha a chave. Ela lia o livro e dizia: “O homem que ele menciona aqui é o fulano de tal em Aracataca”.